



Recebido: 03/12/2024 | Revisado: 17/01/2025 | Aceito: 30/01/2025 | Publicado: 05/04/2025



This work is licensed under a
Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

DOI: 10.31416/rsdv.v13i1.1287

Caminhos da educação: a narrativa pessoal de um futuro educador

Paths of education: the personal narrative of a future educator

SILVA, Clériston Alac Bezerra da. Licenciando em Pedagogia

Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina. Rodovia BR 203, Km 2 s/n - Vila Eduardo, Petrolina - PE, - Brasil. CEP: 56.328-900 / Telefone: (87) 98842.8929 / E-mail: cleriston.alac@upe.br / Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6356-3509>

SILVA, Jailson Ferreira da. Mestre em Educação

IFSertãoPE - Campus Petrolina Zona Rural. Endereço da instituição - PE 647, Km 22, PISNC N - 4, Zona Rural, Cx. Postal 277 - Petrolina/PE - Brasil. CEP: 56.302-970 / Telefone: (87) 99966.9959 / E-mail: jailson.ferreira@ifsertao-pe.edu.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7491-6893>

SILVA, Aline Marinho da. Mestra em Ciências da Saúde e Biológicas

Universidade do Vale do São Francisco - Campus Petrolina Centro. Av. José de Sá Maniçoba, S/N, Centro, Petrolina (PE) - Brasil. CEP: 56.304-917 / Telefone: (87) 99625.9218 / E-mail: alinearinho@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4491-4771>

RESUMO

A educação, em sua complexa teia de relações, permeia a vida de cada indivíduo, moldando-o de maneira singular. Mais do que a mera transmissão de conhecimentos, ela se configura como um processo de transformação social, cultural e individual. No âmago dessa experiência educacional, os sentidos assumem um papel fundamental. Pensando nisso, este trabalho tem como objetivo descrever de que forma a educação me influenciou e atravessou na escolha por tornar-me professor. Os procedimentos metodológicos deste trabalho consistiram numa pesquisa autobiográfica, onde por meio de uma narrativa, o autor busca descrever as experiências significativas que marcaram sua trajetória, revelando como a educação o moldou como pessoa e profissional da educação. Como referencial teórico, a pesquisa apresenta Silva (2019), Ricoeur (1975) Cabral e Sousa (2015), Hage (2010), dentre outros. Para a análise utilizaremos o método compreensivo-interpretativo de Paul Ricoeur. A narrativa aponta que ao considerar os contextos histórico, político e social é possível integrar uma docência atenta à formação crítica e política, pontuando que o foco não é a perspectiva político partidária, mas uma conscientização baseada na construção do sujeito atuante no seu contexto social. Conclui-se por meio dessa pesquisa narrativa, que o educador precisa ser hábil e criativo ao cumprir suas demandas educacionais, pois ao tornar o aprendizado significativo, traz a realidade do educando para o chão da sala de aula.

Palavras-chave: experiências; formação docente; narrativa autobiográfica.

ABSTRACT

Education, in its complex web of relationships, permeates the life of each individual, shaping them in a unique way. More than just the mere transmission of knowledge, it is configured as a process of social, cultural, and individual transformation. At the core of this educational experience, meanings play a fundamental role. With this in mind, the aim of this work is to describe how education influenced and shaped my decision to become a teacher. The methodological procedures of this study



involved autobiographical research, where the author, through a narrative, seeks to describe the significant experiences that marked their trajectory, revealing how education shaped them as a person and as an educator. As a theoretical framework, the research presents Silva (2019), Ricoeur (1975), Cabral and Sousa (2015), Hage (2010), among others. For the analysis, we will use Paul Ricoeur's comprehensive-interpretive method. The narrative shows that by considering the historical, political, and social contexts, it is possible to integrate teaching that is attentive to critical and political education, emphasizing that the focus is not on a partisan political perspective, but on raising awareness based on the construction of the subject as an active participant in their social context. The conclusion of this narrative research is that the educator needs to be skilled and creative in fulfilling their educational demands, as by making learning meaningful, they bring the student's reality into the classroom.

Keywords: experiences; teacher training; autobiographical narrative.

Introdução

A educação, em sua intrincada rede de interações, influencia a vida de cada pessoa de forma única, atuando não apenas como um simples meio de transmissão de saberes, mas como um verdadeiro agente de transformação social, cultural e pessoal. Essa profunda influência se manifesta desde a tenra idade, através das primeiras experiências na escola e nas relações familiares, até a vida adulta, onde os saberes adquiridos e as vivências acumuladas se traduzem em ações e posicionamentos no mundo.

O envolvimento com essa experiência educacional, ressignifica valores e sentimentos na construção do ser em formação. Através da visão, da audição, do tato, do olfato e do paladar, o indivíduo apreende o mundo ao seu redor, construindo conhecimentos e significados. Essa multiplicidade de percepções contribui para a formação integral do ser humano, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, socioemocionais e motoras.

Ao longo da trajetória individual, a educação se entrelaça com as vivências pessoais, moldando sonhos, aspirações e escolhas profissionais. No caso do autor desta narrativa autobiográfica, a trajetória rumo à docência se revela como um processo educativo em construção que vai sendo moldado por profundas marcas deixadas pela educação em sua vida.

Diante da complexa relação entre educação e experiência individual, surge o questionamento central desta pesquisa: Como a educação atravessou-me e influenciou na escolha por tornar-me professor? Essa investigação busca desvendar as marcas deixadas pela educação na minha vida, explorando como as vivências, os saberes e as relações construídas ao longo de sua trajetória o impulsionaram a seguir a carreira docente.

O objetivo desta pesquisa reside em descrever de que forma a educação me influenciou e atravessou na escolha pela docência. No trabalho em questão, a abordagem autobiográfica é particularmente adequada, pois permite explorar os aspectos profundamente pessoais e subjetivos da relação do pesquisador com a educação. Tal abordagem possibilitou aprofundar-me nas dimensões emocionais, cognitivas e sociais das experiências educacionais, fornecendo uma compreensão rica e matizada dessa jornada.

Através da narrativa autobiográfica, buscarei analisar as experiências significativas que marcaram minha trajetória, utilizando método compreensivo-interpretativo de Paul Ricoeur, revelando como a educação me moldou como pessoa e profissional da educação.



Referencial teórico

De acordo com Passegi, (p. 15, *apud* Cunha, 2016, p. 3) a autobiografia consiste na ação de escrever (grafar) a narrativa de sua própria história de vida (autobiografia) e ou a história de vida de outrem (biografia)".

A pesquisa que se propõe a utilizar a narrativa autobiográfica como metodologia de investigação encontra respaldo em diversos estudos que comprovam a relevância dessa abordagem para a formação e o desenvolvimento profissional de professores. Autores como Cabral e Sousa (2015), Hage (2010), Meireles e Souza (2018), Passeggi e Souza (2017) e Sarmiento e Vasconcellos (2007) exploram as potencialidades da narrativa (auto)biográfica como ferramenta de pesquisa e formação docente, oferecendo subsídios teóricos valiosos para a presente investigação.

Cabral e Sousa (2015) defendem a narrativa autobiográfica como um instrumento poderoso para a pesquisa e formação de professores, pois permite desvendar as experiências vividas por esses profissionais e as marcas que essas experiências deixaram em sua trajetória. Através da narrativa, o professor tem a oportunidade de revisitar sua história, analisar seus posicionamentos e práticas pedagógicas, e identificar os fatores que influenciaram sua escolha pela docência. Segundo as autoras "A narrativa faz parte da história da humanidade e, portanto, deve ser estudada dentro dos seus contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, educativos". Nesse sentido, uma história narrada perpassa gerações, oferecendo informações e elementos de pesquisa para diversos âmbitos da sociedade.

Inerente à pesquisa autobiográfica, percebe-se o caráter formativo dessa metodologia para o desvendar de processos e narrativas. Nesse contexto, Cabral e Souza (2015, p. 03) afirmam que,

A narrativa torna-se, portanto, relevante para o contexto de formação em que se concebe o professor como narrador-personagem-escritor de histórias que se constituem a partir de diversas situações de formação. As pesquisas revelam que os professores, quando falam sobre os dilemas imbricados no seu fazer docente, transportam, ao mesmo tempo, dados de sua trajetória de vida. Isso aponta para diferentes modos de ver, conceber a prática profissional e promover avanços significativos na formação docente.

É fundamental, portanto, motivar pesquisas narrativas que possam ressignificar o pensar, o agir e o fazer docente, por meio do exemplo de outras trajetórias. Nesse sentido, destacamos que a narrativa autobiográfica não é apenas uma ferramenta de pesquisa, pois permite aos professores refletirem criticamente sobre suas experiências pessoais e profissionais, promovendo um entendimento mais profundo da própria prática e das dinâmicas educacionais.

Hage (2010) destaca o papel da narrativa autobiográfica na formação de professores reflexivos. Ao narrar sua história de vida, o professor é convidado a refletir criticamente sobre suas experiências, questionando suas crenças e valores, e buscando novas perspectivas para sua atuação profissional. Essa reflexão crítica é fundamental para o desenvolvimento profissional docente, pois permite que o professor se torne um agente autônomo e transformador da prática educativa.

A narrativa autobiográfica possibilita um entrelaçamento entre memórias pessoais e o contexto sociocultural de diferentes momentos, considerando que a



escrita sugere um mergulho no passado, a fim de buscar as lembranças que contribuem para a pesquisa. Salientamos que a narrativa autobiográfica não apenas fortalece a formação de professores reflexivos, como também enriquece a compreensão da complexidade das práticas educacionais. Essa metodologia incentiva a autoanálise crítica e o questionamento contínuo das práticas pedagógicas, promovendo um entendimento mais profundo das interações entre experiências individuais e contextos sociais. Assim, a narrativa autobiográfica não é apenas uma ferramenta de autoconhecimento, mas também um instrumento valioso para o aprimoramento constante da prática docente e uma ferramenta primorosa para o avanço da pesquisa educacional. Nesse sentido, Hage (2010, p. 44) sugere que,

o uso pedagógico das trajetórias escolares e das memórias docentes torna-se importante, porque permite a passagem da história da memória pessoal à história da sociedade e da educação, trânsito esse tão frutífero para a compreensão de si mesmo e do mundo, já que jogamos luz, por meio desses instrumentos, no processo de tornar-se pessoa sítio de vivências, de educadores que trazemos internalizados e cuja influência sobre nós, às vezes, não enfrentamos.

Por meio dessas trajetórias e memórias é possível visualizar o panorama trilhado por docentes e por meio desses instrumentos, planejar uma trajetória formativa que congreguem diferentes modos de compreender as realidades e de exercer influência sobre aqueles que estão sob responsabilidade formativa do professor.

Meireles e Souza (2018) apontam para a narrativa autobiográfica como um instrumento de pesquisa-narrativa que possibilita a construção de conhecimento coletivo. Através da troca de experiências entre os professores, novas perspectivas sobre a docência podem ser construídas, contribuindo para o aprimoramento da prática pedagógica e para a valorização da profissão docente.

As narrativas autobiográficas não apenas transmitem *insights* valiosos sobre a jornada pessoal dos professores, como são ferramentas para o desenvolvimento coletivo do conhecimento educacional. Integrar essas histórias na formação docente não só enriquece o processo educativo, tal qual fortalece a comunidade educacional ao promover uma compreensão mais abrangente e colaborativa da prática pedagógica.

Meireles e Souza (2018, p. 285) asseguram que,

[...] no campo educacional, as pesquisas (auto)biográficas nascem e se articulam a partir de princípios da pesquisa qualitativa e da constituição de outros modos de ver/escutar/narrar a vida e as aprendizagens-experiências que se inscrevem nos domínios da formação dos adultos, de professores em processos de formação inicial ou continuada, mas também das formas diversas que as narrativas têm assumido no cenário contemporâneo.

Assumir, portanto, o lugar de narrador de uma experiência ou jornada, dá ao autor uma oportunidade de refletir sobre sua própria prática relacionando sua vida com o momento contemporâneo que vivencia no momento da escrita.

Passeggi e Souza (2017) abordam a narrativa (auto)biográfica como um meio de revelar a identidade docente. Ao narrar sua história de vida, o professor tem a oportunidade de explorar seus valores, crenças e motivações que o definem como



profissional da educação. Essa exploração da identidade docente é crucial para o desenvolvimento profissional do professor, pois permite que ele se reconheça como um agente social e político com o poder de transformar a realidade.

Passeggi e Souza (2017, p.9) discorrem sobre a “necessidade de nos perguntarmos sobre qual o tipo de conhecimento é possível gerar a partir das narrativas de si e qual a relevância dessa investigação para a investigação científica”. Nesse sentido, sugerem que é necessário “superar os dilemas que perpassam esse tipo de investigação quais sejam, acomodar-se aos padrões existentes do conhecimento dito científico, ou contribuir para a construção de novas formas de se conceber a pessoa humana e os meios de pesquisa sobre e com ela”.

É necessário enfatizar que, os pesquisadores da temática descrevem e reafirmam como as narrativas (auto)biográficas não são apenas instrumentos promissores para o autoconhecimento e o desenvolvimento profissional dos professores, mas também contribuem significativamente para a pesquisa educacional mais ampla. Pois, elas permitem uma compreensão mais profunda e empática da experiência docente, promovendo uma educação que envolva e valorize o contexto dos educandos.

Sarmiento e Vasconcellos (2007) discutem a narrativa autobiográfica como um instrumento de pesquisa qualitativa que permite captar a complexa e multifacetada realidade da experiência docente. Através da narrativa, o pesquisador tem acesso à subjetividade do professor, às suas emoções, sentimentos e pensamentos, o que permite uma compreensão mais profunda da prática pedagógica.

Os autores supracitados dão ênfase à construção social da infância. Nesse sentido, ressaltam que a infância não é uma etapa natural ou universal da vida, mas sim uma construção social que varia entre culturas e períodos históricos. Essa perspectiva desafia a visão tradicional da autobiografia como um relato direto da vida de um indivíduo do nascimento à idade adulta. Os autores incentivam a considerar como tais textos são montados pelos contextos sociais e culturais em que são escritos e lidos.

Sarmiento e Vasconcellos (2007) ainda destacam os desequilíbrios de poder que frequentemente existem entre crianças e adultos, e como essas dinâmicas podem influenciar a representação da infância em textos autobiográficos. Argumentam que é importante estar atento às maneiras pelas quais as vozes das crianças são marginalizadas ou silenciadas nessas narrativas. Isso exige uma abordagem crítica aos textos autobiográficos, examinando como eles posicionam as crianças e representam suas experiências.

Esses autores argumentam que é importante compreender as perspectivas das crianças e como elas dão sentido às suas experiências. Essa perspectiva nos incentiva a ler os relatos autobiográficos, não apenas como relatos factuais, mas também, como expressões das perspectivas únicas das crianças e suas formas de compreender suas vidas.

É pertinente destacar as considerações dos autores acima citados, pois a narrativa expressa nesse trabalho encontra raízes em minha infância, relatando como a educação impactou minha vida, mesmo em momentos em que se encontrava distante do formalismo da escola, encontrando sentido educativo por meio das diversas experiências vivenciadas.

A fundamentação teórica apresentada demonstra a relevância da narrativa autobiográfica como metodologia de pesquisa e formação docente. Essa abordagem permite desvendar as experiências vividas pelos professores, promover a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, construir conhecimento coletivo, revelar a



identidade docente e captar a complexa realidade da experiência docente. Ao utilizar a narrativa autobiográfica como instrumento de pesquisa, esta investigação busca contribuir para a formação de professores reflexivos, autônomos e comprometidos com a transformação social.

Material e métodos

O presente trabalho se constitui de uma pesquisa autobiográfica que é um método de investigação qualitativa que utiliza as experiências de vida do próprio pesquisador como fonte primária de dados. Essa metodologia envolve uma profunda introspecção e autorreflexão para desvendar percepções pessoais, padrões e temas que moldam a compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor.

A utilização da narrativa autobiográfica como metodologia de pesquisa impõe uma série de desafios e limitações que merecem atenção cuidadosa. Um dos principais obstáculos é a carga de subjetividade que permeia esse tipo de abordagem, uma vez que as experiências pessoais do pesquisador podem influenciar significativamente a interpretação dos dados. Essa subjetividade pode levar a vieses que distorcem a análise, dificultando um entendimento mais objetivo das narrativas coletadas. Além disso, o envolvimento emocional do pesquisador com suas próprias histórias pode criar barreiras para o distanciamento necessário, comprometendo a capacidade de uma análise crítica e imparcial. A reflexividade torna-se, portanto, um elemento indispensável nesse contexto. Portanto, é essencial que o pesquisador reconheça e examine suas próprias emoções e preconceitos ao longo do processo analítico.

Adotar a pesquisa narrativa nesse trabalho é importante pelo fato de ser “uma abordagem que possibilita ir mais longe na investigação e compreensão dos processos de formação e dos subprocessos que o compõem” Fínger; Nóvoa (2010, p. 23), que nasce e se articula a partir, da construção de outros modos de ver/escutar e narrar a vida e as aprendizagens experienciadas em seus vários aspectos. Nesse sentido, essa escolha acontece em razão do seu caráter humanizador, uma vez que, as experiências de vida de diversos sujeitos, em seus diversos contextos educacionais e sociais, com possibilidade de acessar mundos individuais e coletivos, não se limitam aos traçados numéricos das pesquisas quantitativas.

A pesquisa qualitativa se caracteriza pela explicação dos fatos, sem uma preocupação com representatividade numérica. Nesse sentido, os autores Silveira e Córdova (2009, p.32) inferem que, “os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, [...]”.

Para a coleta de dados, na metodologia empregada, o pesquisador se constitui como principal fonte de dados para o estudo. Essa etapa envolveu a retrospectiva, em que pode lembrar e refletir sobre experiências, memórias e eventos passados relacionados com a constituição de seu processo de formação pelo viés da educação. A utilização do diário também foi usada como uma ferramenta para documentar seus pensamentos, sentimentos e percepções contínuas enquanto se aprofundava em sua jornada educacional.

Para a análise dos dados, foi utilizado o método compreensivo-interpretativo de Paul Ricoeur, uma abordagem que busca entender a experiência humana através da interpretação de textos e narrativas. Para Ricoeur (1975), interpretar não é



apenas descobrir significados ocultos, mas sim explorar um "mundo" que se revela por meio das palavras. Esse método propõe um diálogo entre compreensão e explicação, onde a interpretação envolve captar não só o sentido literal, mas também as intenções, contextos e referências culturais que moldam a narrativa. Um aspecto importante do seu pensamento é a reflexividade: o pesquisador deve estar consciente de como suas próprias experiências e emoções podem influenciar a interpretação das histórias dos outros.

Resultados e discussão

Toda Trajetória parte de uma largada. Essa, começa na cidade de Juazeiro BA, banhada pelo Rio São Francisco, identificada como a "Terra das Carrancas", terra de João Gilberto, mas conhecido como 'o pai da Bossa Nova'. Nesse ilustre recanto, na maternidade Promatre, Av. Barão do Rio Branco, nasci às 11:00 da manhã, dia 12 de novembro de 1982. Mesmo minha mãe residindo em Petrolina - PE, teve que se deslocar para a cidade vizinha, para essa instituição que tinha o atendimento assegurado pelo Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS) e possuía boas referências na especialidade de obstetrícia, situação que a cidade de Petrolina - PE, não dispunha na época. Primogênito de mais 3 irmãos que viriam nos anos a seguir, tive uma infância que, para os padrões da época não era das melhores, residindo em endereço incerto entre alugueis e casas cedidas, em localidades distintas.

No ano de 1986, residimos no bairro José e Maria, rua Rio Pontal, lugar onde na minha infância presenciou dificuldades. Por se tratar de uma comunidade em vulnerabilidade social e econômica, a condição de estar exposto a doenças e epidemias que na época, eram muito frequentes, como o sarampo, a cólera, a difteria, a coqueluche, a paralisia infantil e tantas outras patologias que aumentava as estatísticas de mortalidade infantil, nesse contexto, minha mãe perdeu dois filhos, pela ausência de um serviço de saúde adequado e outras problemáticas que faziam parte do contexto naquele período.

Meu irmão caçula foi vítima do sarampo que quase ceifou sua vida ao nascer e deixou sequelas que carrega até hoje, em sua vida adulta, a exemplo do comprometimento intelectual, fato que me causa comoção ao relembrar as dificuldades vividas naquela comunidade, expostos à precariedade das condições sub-humanas as quais éramos expostos, aliada à falta de serviços voltados para políticas de saúde pública. Narrar esses fatos me leva a refletir sobre a leitura de mundo que tinha outrora e a que tenho hoje, por meio do olhar de um estudante. Nesse sentido, Ereben (1996, p. 73) afirma que,

A essência do método biográfico consiste, mais precisamente, em investigar a forma como a autoconsciência de terceiros é empregada para produzir sua própria autoformação. O sujeito humano pode interpretar a si mesmo somente através da ação de interpretar os sinais captados no mundo que o circunda.

As lembranças narradas servem como lembretes pujantes das diferenças sociais que ainda existem em nosso país e reforçam o sentimento de lutar por um futuro melhor e mais justo, onde todas as crianças tenham acesso à saúde de qualidade e oportunidades de se desenvolver plenamente, livres da ameaça de doenças evitáveis. Nesse sentido, é importante salientar que, apesar dos momentos



desafiadores naquele contexto, o Brasil avançou de forma significativa nas últimas décadas.

No que diz respeito ao combate a essas doenças, a implementação do Programa Nacional de Imunização (PNI), em 1973, contribuiu para erradicação da varíola, e uma drástica redução da incidência de outras doenças transmissíveis. A história testemunha que a falta de acesso ao serviço de saúde de qualidade pode acarretar resultados desastrosos, especialmente para o público infantil, em localidades vulneráveis. Tal realidade nos mostra que é basilar que as políticas desenvolvidas pelo governo tragam investimentos que garantam o acesso igualitário a saúde, incluindo foco primário na qualidade de serviços como saneamento básico e campanhas de vacinação.

É de iminente importância exigir dos governantes políticas públicas que combatam a desigualdade social e que possam primar pela saúde, educação e dignidade para todos. Nesse sentido, a participação e mobilização social cobrando ações concretas das autoridades, e a conscientização popular, resultam em pessoas esclarecidas dos seus direitos, que multiplicam a consciência de reivindicar a melhoria das realidades vividas em regiões periféricas do nosso país, visando promover um futuro melhor para nossas crianças.

Em 1987, ainda residíamos no endereço acima citado, lugar onde tive minha primeira experiência na educação, que aconteceu quando meus pais, pela ânsia em me envolver no contexto escolar, se anteciparam em me promover minha alfabetização, pois ainda não tinha idade regular para ingressar na escola pública. Mas, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1971, havia autorizado as turmas escolares em casa. Desse modo, meus pais pagavam determinada quantia para uma moça negra muito linda e simpática me alfabetizar. Não me recordo do seu nome, mas, me lembro que era sempre atenciosa e paciente comigo e com outras crianças que, não sei com exatidão dizer a quantidade de alunos, mas pela lembrança do recreio, eram mais de uma dezena de meninos e meninas acomodados em sua humilde residência.

Essa lembrança se desperta facilmente em minha memória, pelo fato de que só ela pronunciava meu nome corretamente, “nome que nem eu conseguia pronunciar”. Sua forma de ensinar o alfabeto me encantava, com sua delicadeza ao pegar as minhas mãos trêmulas, por trás de mim, com sua voz ao pé do meu ouvido, falava suavemente: “faz a bolinha, e puxa a perninha do ‘A’”. Aquele contato carinhoso me presenteou com uma dedicação em aprender, pois me sentia cada vez mais dependente daqueles elogios quando ela me falava: “como está ficando bonita sua letrinha ‘A’”.

Agora entendo o quanto o afeto corrobora no processo de ensino aprendizagem, e aquelas tarefas de cobrir as letras com contornos pontilhados eram as minhas favoritas, assim como o visto que ela dava em meu caderno, que eram os traços mais lindos que eu já tinha apreciado, pois, eu achava a caligrafia da minha mãe bonita, mas a da *pró* superava em beleza, e entendia o porquê: ela era professora e minha mãe não. Ao terminar a aula, corria para minha mãe e perguntava o que estava escrito naquele visto, e minha mãe respondia: “Tá escrito parabéns!” Eu não conhecia o significado. Mas, pelo sorriso que a *pró* dava ao fazer aquele visto, tinha certeza que era algo bom.

Ainda me recordo do primeiro caderno que meu pai comprou para mim e ao entregá-lo me disse: “seu avô nunca me deu um desses. Por isso, zele dele!” Era um clássico caderno pequeno, do tipo que hoje utilizamos para registro de agenda. Claro, era uma capa mais fina e, como poderia esquecer o arame da encadernação que muitas vezes arranhava a pele, o cheiro da celulose que exalava das folhas



brancas. Lembro-me também da borracha de látex, na extremidade oposta à ponta do lápis preto de madeira com grafite quebradiço, e uma tabuada impressa colorida. A caixa de lápis de cera, o cheiro da parafina que saía deles, e as cores que saltavam aos meus olhos, e, para cada cor, eu imaginava uma guloseima doce com sabores distintos, para cada tom, uma fruta diferente. Essa experiência constituiu um momento de apropriação da linguagem e entender que é por meio dela que nos constituímos enquanto sujeitos nos leva a ideia defendida por Leontiev (2004), quando afirma que,

A apropriação da linguagem constitui a condição mais importante do desenvolvimento mental de um humano, pois o conteúdo da experiência histórica dos homens, da sua prática sócio-histórica não se fixa apenas, é evidente, sob a forma de coisas materiais; está presente como conceito e reflexo na palavra, na linguagem. (Leontiev, 2004, p. 348).

Lembro-me da socialização com os coleguinhas antes de começar a aula, todos numa fila indiana com as mãos no ombro um do outro, cantando a música: “Bom dia professora como vai, a sua simpatia nos atrai, faremos o possível para sermos bons amigos bom dia professora como vai?” Essas convivências ricas em afetividade na infância abastecem esse sujeito de possibilidades, dando condições basilares na continuidade do percurso escolar. Esse foi meu primeiro contato com a educação, que fez muito sentido para mim ao vivenciar a experiência do estágio I, na educação infantil. De modo que surgiu o interesse de explorar memórias que resgatam lembranças do antes e do depois, memórias que atravessam os sentidos e mudam as práticas.

Ao continuar essa narrativa, lembro-me que a minha mãe representava as mães de muitos filhos desse vasto Nordeste. Uma figura feminina marcada por uma força e uma resiliência admirável. Minha mãe representa para mim as mulheres que mesmo mediante situações difíceis como escassez, doenças e abandono social não desanimam dos seus sonhos de educar e lutar incansavelmente para oferecer melhoria para os seus. Nesse sentido, construí emocionalmente uma concepção do que é a figura materna que se resume em: “nascer com a armadura física e emocional, forjada para enfrentar longas batalhas de trabalho, muitas vezes em atividades braçais para garantir o sustento da casa, criar seus filhos, amando e disciplinando, mediando valores essenciais para suas gerações, como abnegação e amor incondicional”. Essa figura é dotada de uma característica heroína, que a permite colocar as necessidades da família como prioridade, não medindo esforços para garantir sustento dos filhos, sem mensurar as condições impostas pela realidade, fornecendo colo e aconchego nos momentos mais difíceis.

Meu pai estudou até a quarta série primária e começou a trabalhar ainda menino. Sua atividade profissional foi inicialmente na agricultura, período que trabalhava no plantio de cebola. Logo em seguida, começou a desenvolver habilidades na profissão de pedreiro, o que proporcionou uma tímida melhora nas condições de vida. Eu admirava assistir meu pai crescer profissionalmente, mesmo vivendo uma realidade desafiadora, de maneira que conseguiu superar algumas dificuldades, avançando socialmente, o que me serviu de referência para persistir à procura de melhora gradual, e significativa na situação que nos encontrávamos.

É salutar dizer que esse é o retrato de muitos chefes de família daquela geração, e hoje símbolo do homem nordestino, que buscou novas oportunidades, aprimorando suas qualificações. Essa iniciativa demonstra a força de vontade do personagem sertanejo, que acima de tudo, sempre se coloca como sacrifício para



prover as necessidades de sua família.

Aqueles que pertenceram ao momento político da época narrada, vivenciaram uma experiência singular em que o país expectava a transição do regime militar para um governo democrático, considerando que no ano seguinte, 1988, nasceria nossa Constituição Cidadã, documento que possibilitou um avanço significativo em relação aos direitos individuais. Porém, um acontecimento retrospectivo, em 1984, numa manifestação popular pelas *diretas já*, era a semente para o surgimento da assembleia constituinte, ou seja, a culminância desse movimento tornaria possível o estado democrático de direito que usufruímos hoje. Eu, ainda imaturo, ouvia as pessoas comentarem a respeito desse assunto sem entender do que se tratava. Porém um momento que marcou ainda nesse período foi a morte de um político que me lembro ver meu pai e minha mãe tristes por esse acontecido, se tratava do saudoso Tancredo Neves (21-04-1985), notável parlamentar mineiro de São João Del Rei, e um dos mentores da constituição vigente.

Ainda em 1987, meu pai adquiriu um terreno em uma ocupação onde atualmente é o bairro João de Deus, em Petrolina - PE, construiu uma casa de quatro cômodos, onde é minha residência até os dias de hoje. Essa época me traz à memória eventos importantes, pois testemunhei cenas que faziam parte das periferias num panorama nacional. O cenário era tão violento que liderava muitas vezes os índices de homicídios na região, de maneira que recorro a comunidade por muitas vezes sendo descrita pelos programas policiais de rádio, com o comentário que “[...] esse lugar não deveria se chamar João de Deus, mas sim João do Diabo[...]”. Porém, aqueles que teciam tais diálogos, provavelmente desconheciam o verdadeiro motivo do lugar se chamar João de Deus, que foi uma Homenagem ao então Líder da Igreja Católica, o Polonês Karol Wojtyła, que após eleito, era chamado por João Paulo II, carinhosamente conhecido como João de Deus, informação divulgada no meio religioso, nas festividades religiosas relacionadas ao aniversário do bairro. Foi nessa localidade que residimos em meio à presença cotidiana da violência, num lugar que ainda não possuía escola, pois a única do Bairro ainda estava em construção.

Logo que a obra da escola foi concluída, fomos matriculados e passei a estudar a primeira série, pois a essa altura já estava com sete anos e não podia estar na turma da pré-escola. Aos poucos, percebi que a rotina de ir para escola era um tanto quanto arriscada, a lembrança perturbadora mais viva na memória foi quando ao sair da minha residência, numa fatídica manhã de segunda-feira, seguida que seguiu um fim de semana violento, encontrei o cadáver do seu João, vigia da escola, sendo recolhido pelo Instituto Médico Legal (IML).

Nesse tempo, existiam muitos relatos de violência policial e eu não tinha entendimento sobre Direitos Humanos. Porém, na disciplina de vivências 4 Direitos Humanos e Cidadania, no 4º período da minha graduação em Pedagogia, percebi o quanto o debate sobre direitos humanos continua tão atual, pois a problemática tem sido alimentada com discurso extremista de que os direitos humanos defendem somente os marginais e todos os que estão inseridos nessa compreensão.

Tal pensamento exprime um preconceito, como se fosse louvável que alguém suspeito de cometer qualquer delito não tenha direito à ampla defesa, que o princípio jurídico é claro ao afirmar que todos são inocentes até que se prove o contrário, valores inspirados na antiga Grécia, berço da civilização ocidental e na contemporaneidade foi corroborado pela declaração dos direitos humanos, carta redigida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948, que deu ferramentas para nações democraticamente constituídas seguirem tal documento norteador.



Esse entendimento era algo muito ausente naquela época, principalmente na periferia. Assim, era comum muitas vezes se deparar no caminho da escola com posto policial, onde os policiais torturavam os suspeitos e ao passar em frente ao local alertavam os estudantes, “[...] se não estudar vai terminar aqui, apanhando igual bandido[...]”. Eu ficava muito angustiado, pois mesmo desconhecendo os valores da dignidade da pessoa humana na literatura, era aterrorizante ver alguém sofrer daquela forma medieval sendo escarnecido em público.

A escola onde se passam os fatos narrados acima, possui o nome de Escola Jesuíno Antônio D’Ávila e funciona até os dias atuais, no mesmo prédio. Estudei nessa, da 1^a a 4^a série primária e ainda me lembro que a professora do primeiro ano, que vou chamar aqui de profa. “V”, nos fazia esquecer de tudo que estava externo a nossa classe, com seus cabelos cacheados e a tiara que prendia os mesmos. Lembro até os suspiros que dava ao vê-la escrever com o giz no quadro negro, transcrevendo sílabas, classificando por famílias. Desse modo, ao sair da escola, tudo quanto era letreiro em placa, muro ou fachada eu estava pausadamente conseguindo ler. Foi uma experiência fantástica, pois havia aprendido ler o ônibus do meu bairro, indo e voltando do centro da cidade, e mais recompensador era quando eu lia o destino dos coletivos para os velhinhos que não sabiam ler. Ao relembrar esses fatos, relaciono com a reflexão de Silva (2020, p. 03) quando afirma que,

Ainda que a trajetória de um sujeito possa ser determinada pela sociedade e pela cultura, os acontecimentos e os encontros são em grande parte imprevisíveis, o que dá sentido aos aspectos interpretativos de uma narrativa, momento que o próprio sujeito que narra atribui um novo sentido à experiência vivida.

Lembro-me que a atitude de ajudar alguém a chegar onde precisava, me trazia a preocupação no pensamento, “já pensou se eu leio errado e essa pessoa vai parar em outro lugar que não seja sua casa?”, um temor me tomava, de maneira que sempre ficava aterrorizado com essa possibilidade. Naquela situação, entendi que quanto mais habilidades desenvolvemos, mais responsabilidades adquirimos. Eu ficava orgulhoso ao ouvir alguém falar: “tão novinho e já sabe ler!” Entendi ali, o porquê do interesse dos meus pais ao me envolver nesse universo transformador da educação.

Os traumas estão vívidos na minha memória, mas lembranças como essas, hoje mostram que num mundo que está sempre em iminência de se despedaçar, não há problemas em tentar juntar os caquinhos. É o que enxergo na vida de um docente. Aprendi na universidade com os meus excelentes professores que a criança também reflete e esse evento me fazia refletir, de maneira que mesmo que estudar para mim, não fosse algo tão prazeroso como hoje, o que as pessoas tentavam nos fazer entender era que estudar era necessário.

Hoje, percebo que construir na vida do aluno momentos prazerosos são a melhor forma de ensinar, possibilitando experiências vívidas que proporcionam à criança o desenvolvimento de habilidades nos campos afetivo e social. Após essas vivências na escola, ao terminar o horário de aula, retornando para casa, era rotina a nossa mãe nos mandar vender geladinho de rua em rua. “Entendo que toda narrativa reflete uma práxis humana, daí sua relação com a fenomenologia, que concebe as ações do homem como eixo de observação e de interpretação da vida cotidiana” Silva (2020, p. 9). Quando o bairro recebeu a rede de energia elétrica, meu pai recebeu como pagamento de um serviço de pedreiro, uma geladeira, fato que despertou em minha mãe a ideia de ocupar o nosso tempo fora da escola com



trabalho, a fim de ajudar no orçamento doméstico, ressaltando que essa atividade seria desenvolvida sempre após o horário de aula.

Em outro momento, quando passei a estudar à tarde, também acordava na madrugada, pegava uma fila na padaria para vender pão, e às vezes, junto com outros meninos, saía pelo bairro vendendo pães na rua das 4:00 às 8:00 da manhã. Vendia os pães para ganhar uma pequena porcentagem, e o dono da padaria também dava uma sacola de pão para cada criança, a qual eu levava para casa, para tomarmos o café. Essas atividades me ajudaram a moldar o conhecimento matemático fora da escola, e a manter também o orçamento doméstico, considerando que era a matéria que tinha maior dificuldade de aprendizado na sala de aula. Refleti bastante na universidade, principalmente na disciplina de Metodologias e Práticas do Ensino de Matemática e em todos os contextos do ensino, que trazer a realidade do aluno para dentro do contexto escolar, é uma estratégia muito oportuna na vivência do aluno, indispensável para mediar a apropriação do conhecimento.

Nesse cenário, o Brasil enfrentava uma crise econômica e a situação era tão grave que, nos oito anos anteriores ao Plano Real o país teve quatro moedas diferentes e chegou a registrar segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), um aumento anual de preços de quase 2.500%. Como comparação, a inflação de 2023 foi de 4,6%, segundo a Agência Senado.

Essa situação econômica comprometia principalmente a população em vulnerabilidade econômica, pois, com a hiperinflação, os principais itens da cesta básica sofriam reajuste toda semana e a situação era bastante desafiadora, assim, nós tínhamos esse compromisso de ajudar no que tangia às despesas do lar. Desse modo, fomos adotando uma conduta na infância já entregue ao trabalho, pois naquela época era comum às crianças, começarem a vida laboral de forma precoce, no entanto, ajudou a forjar uma consciência de compromisso, em que o papel de ajudar a família era uma das prioridades naquele momento, um argumento colocado à prova com a regulamentação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), onde em seu Art. 60, afirma que: “É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade.”

Após a Constituição de 1988, ficou estabelecido em seu Art. 7º a “proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito anos e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos [...]”, e estudar não era o bastante para essa geração, principalmente pelo motivo de as necessidades básicas não serem atendidas pelo estado, naquele momento. Quando as políticas de proteção alimentar começaram a sair do papel, os pré-requisitos para participação nas mesmas seriam a regularidade no acompanhamento médico e escolar. A partir desse momento, começaram mais efetivamente a cobrança desses direitos mediante os dispositivos reguladores dos benefícios destinados ao desenvolvimento da criança e do adolescente na sua vida escolar.

Nesse momento, eu vivenciava uma queda no meu rendimento escolar, ocasionado pelo trabalho que iniciava muito cedo, percebi que o aproveitamento estava sendo comprometido com relação a outras crianças que não tinham a mesma rotina de trabalho após as aulas. Quem podia se dedicar integralmente aos estudos sempre conseguiam obter notas melhores que aqueles que trabalhavam e estudavam. Essa situação muitas vezes me deixava frustrado, pois a avaliação não satisfazia e muitas vezes éramos cobrados pela escola e família.

Aos 10 anos de idade, o divórcio provocou um desmoronamento dentro da minha família, alterando o nosso lar e refúgio em que mãe, pai e irmãos se



confraternizavam. Com isso, tudo parecia ter sido desfeito, uma problemática que comprometeu ainda mais o aprendizado, situação que muitos teóricos investigam e afirmam o quanto é impactante o divórcio na vida escolar dos filhos.

Após o divórcio, minha mãe se envolveu em outro relacionamento que ocasionou a decisão de abandonar os filhos por imposição do seu novo companheiro, que era alcoólatra, e, percebi que para ele não continuar a prática de violência física e psicológica conosco, ela preferiu seguir com ele, para que não continuasse a coagila com ameaças de que poderia fazer alguma loucura se ela não deixasse sua vida de mãe para trás. Assim, ficamos, eu e meus três irmãos pequenos, sozinhos em casa de 24 a 30 de junho de 1993, momento em que iniciava a etapa mais adversa da minha infância.

Meu pai trabalhava em outro estado, nenhum familiar quis ficar conosco, exceto o meu irmão mais novo, debilitado pelo sarampo ao nascer, que uma das minhas tias paternas acolheu. Eu fui morar com minha avó paterna, em Sobradinho - BA e outros dois irmãos mais novos que eu, foram morar em uma instituição para menores abandonados ou em situação de vulnerabilidade, conhecido na época, e até hoje, como Pequenos Trabalhadores de Petrolina (PETRAPE), hoje denominado, Associação dos Amigos do PETRAPE.

Mais tarde, eu pediria a minha avó para vir morar com eles no mesmo internato, pois sentia muita falta dos meus irmãos. Assim, mediante um contexto tão problemático, a década de 1990 se inicia nesse período em que nos sentimos tão privados de direitos, porém era nesse cenário que estaria se legitimando como documento o ECA, como citado, que garantiu direitos ora negligenciados naquele contexto social.

No ano de 1996, foi realizada minha internação no PETRAPE, com 13 anos de idade. Residi ali por três longos anos junto aos meus dois irmãos e um primo que já estava lá antes de nós. Passamos a conviver com mais de 100 meninos, entre adolescentes e crianças na faixa etária de cinco a 18 anos. Não era um lugar totalmente ruim, porém, a alimentação era mantida por doações e nem sempre dava para atender à segurança alimentar de todos com quatro refeições diárias. Desse modo, se as provisões não atendessem, esse número era reduzido. Disponibilizava-se sala de televisão, quadra descoberta “mesmo assim jogávamos em pleno meio-dia com o sol a pino”, tinha lavanderia, refeitório, salas de aula e alojamento separado por idades, entre outros.

Ainda internado no PETRAPE, tive a oportunidade de participar de cursos profissionalizantes em convênio com instituições do sistema ‘S’, experiência muito proveitosa. Porém, o propósito de profissionalizar os internos encontrava o entrave no que se referia à inserção desse no trabalho formal, pois, por pertencer a uma instituição de menores abandonados e em situação de vulnerabilidade éramos vítimas do preconceito da sociedade. Esses estigmas e preconceitos que permeiam a sociedade até os dias de hoje, marginalizam e segregam indivíduos com menores condições sociais e econômicas.

Na instituição supracitada foi me oportunizado realizar cursos de: auxiliar de cozinha e mensageiro *office boy*, pelo Serviço Nacional do Comércio (SENAC), mecânico de manutenção pelo Serviço nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e práticas de cultivo em oleicultura pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). Mas, a empregabilidade não aconteceu nesse período, nem através dessas qualificações, o que me desperta a reflexão de que mesmo o jovem sendo qualificado para um mercado cada vez mais exigente, basta ser interno ou simplesmente aluno de instituição de menores em situação vulnerável para ser



descartado do seu processo seletivo, cenário não muito diferente dos dias atuais.

No momento atual, tive imensa satisfação em retornar ao PETRAPE como estagiário do curso de pedagogia no desfecho da graduação, com o propósito de retribuir de alguma forma a instituição que me proporcionou um futuro melhor, mesmo dentro de contexto adverso, pois acredito que foi uma condição motivacional, onde desenvolvi resignação para contrariar afirmações que ecoam até hoje na sociedade, que prega seus estereótipos de que qualquer criança submetida a tal vivência não pode ser um sujeito promissor. Nesse momento, consigo compreender que, como afirma Silva (2020, p. 9),

por meio da abordagem (auto)biográfica, é possível compreender como a trajetória de formação docente é construída e vista pelo sujeito, na sua relação com o outro, com suas travessias formativas, de atuação profissional, logo consigo mesmo.

Com o passar dos dias, ainda naquela instituição, percebi a diferença no convívio, o que me trouxe angústias e tornou mais complicada a permanência naquele lugar. Dessa maneira, decidimos, eu, meus irmãos e meu primo planejar uma fuga. Com o planejamento realizado, resolvemos no fim de semana, de forma definitiva partir, levando conosco somente as boas lembranças e as experiências adquiridas. Essa decisão era algo que nos faria virar uma nova página na nossa história, pois minha mãe, retornava à cidade para tentar reconstruir o que foi demolido pelas consequências das escolhas, que não compete aqui julgar, porém, após ter acontecido, entre perdão e abraços, as nossas vidas estavam prestes a voltar ao que era antes, com as reuniões e confraternizações nessa nova etapa.

Infelizmente, pelas consequências da vida, um dos meus irmãos que morava conosco se envolveu no movimento do tráfico de drogas o qual ceifou a sua vida. Fato que trouxe uma imensa dor pela perda, pois, por ser irmão mais velho, me culpava por não insistir mais nos conselhos e tentar convencê-lo a não seguir aquele caminho errante, o que me perturbou por muitos anos, e até hoje algumas lembranças ainda me atormentam, pelo fato de acreditar que meus irmãos, estavam debaixo da minha tutela. Porém, as amizades feitas até aqui têm me resignado e feito entender que o acontecimento, embora trágico, foi necessário para prosseguir na caminhada.

Nessa mesma época, conheci a minha esposa, que muito me confortou com essa perda. Algumas pessoas aparecem nas nossas vidas para reparar algo que ficou danificado, ela até hoje tem sido uma ajudadora nos momentos difíceis para que eu siga em frente. Foi uma das principais pessoas que me motivou a voltar a estudar. Ela tem me encorajado nos momentos em que quis desistir. Sempre afirma que tenho o compromisso de dar exemplo para minhas filhas e, confiante nas suas palavras, sempre assertivas em 18 anos de casamento, sempre tive o apoio do conselho nos momentos difíceis. Compreendo que toda família tem uma estrutura baseada na cumplicidade. A primeira ideia de casamento foi que deveríamos renunciar às nossas vontades, às nossas vaidades, e, pensar não em nós mesmos, mas nos que viriam depois.

É incrível como o curso de pedagogia me proporcionou gatilhos de memória e despertou uma nova perspectiva do que vivenciei no meu passado. Tanto quando criança, internada numa instituição de menores abandonados ou em vulnerabilidade, quanto na disciplina de Educação de Jovens e Adultos no 8º período na faculdade, foram despertadas em mim lembranças de quando eu e minha esposa estudávamos



à noite, o ensino fundamental e concluímos juntos. Porém, no ensino médio, ela engravidou da nossa primeira filha, e me encorajou a seguir com estudos. Confesso que não queria voltar a estudar sem a sua companhia agradável, mas ela me animou a continuar sozinho.

Por motivo de trabalho, tive que desistir no primeiro ano do ensino médio em 2007, porém, alguns anos depois, em 2017 por meio de um supletivo do Governo Federal, consegui fazer duas provas, uma no sábado e a outra no domingo e fui aprovado em todas as competências, assim as duas etapas do meu ensino básico foram concluídas por meio desse exame supletivo denominado Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). Isso foi necessário, pois, mesmo concluindo o ensino fundamental, havia se perdido nos registros da escola a minha matrícula e conclusão da antiga 8º série, hoje 9º ano. Foi através desse supletivo que consegui fazer o primeiro Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Na primeira prova do ENEM obtive 700 pontos na redação e fui selecionado, através do Sistema de Seleção unificada (Sisu), para cursar uma graduação em uma Instituição de Ensino Superior pública. Porém, tive minha matrícula interrompida no curso de Ciências Biológicas, por motivos administrativos, considerando que para aluno cotista só aceitavam o certificado de conclusão do ensino médio na modalidade supletivo que fosse cursado na rede estadual, e o meu, foi emitido por uma Instituição Federal. Nesse sentido, fui instruído a entrar na justiça contra a decisão, porém, decidi estudar mais um ano, e tentar entrar no próximo. Dessa vez, optei pela ampla concorrência, de modo que fui selecionado em duas opções, Licenciatura em Pedagogia na Universidade de Pernambuco, e Licenciatura em Química no Instituto Federal.

A situação naquele momento me direcionou ao curso de pedagogia que para mim foi uma honra, pois ingressei na graduação que me identifiquei e hoje percebo que até este acontecimento que pareceu naufragar meu sonho do Ensino Superior, levou-me ao curso que estou finalizando nesse ano de 2024. E percebi mais uma vez, que as dificuldades me nortearam ao lugar certo. Hoje, “ao fechar as cortinas da minha graduação”, nunca tive tanta certeza da formação superior que escolhi. Essa condição de entrar e encontrar entre tantas disciplinas, algumas que me fizeram lembrar minha história, e conseguir imprimir na minha consciência a certeza de uma caminhada que mesmo com 42 anos, sinto-me como se tivesse 18, rejuvenescido pelo saber.

As palavras de aconselhamento do meu saudoso pai ainda vívidas em minha memória me levam aos momentos em que o mesmo dizia que a educação transformou sua vida, mesmo já na fase da velhice, e que a nossa também seria transformada se fizéssemos o que ele não conseguiu fazer durante a sua, e, sendo aluno também de educação de jovens e adultos, o nosso pai deixou um exemplo de reescrita da própria história, que, se compreendêssemos, teríamos ferramentas para mudar o trajeto do nosso futuro por meio da educação.

A disciplina Educação de Jovens e Adultos (EJA), inserida no oitavo período do curso de pedagogia, ofertou, na ocasião, debates, rodas de conversa, relatorias e outras estratégias, pelo ilustre professor do componente que com maestria, promoveu tal experiência, despertando gatilhos de memórias que enriqueceram meu aprendizado e me fizeram recordar ter pertencido a esse contexto da (EJA), permitindo-me entender como Demerval Saviani (2008) defende, o acesso ao conhecimento previamente produzido e sistematizado, e a compreensão desse conhecimento pelo estudante como instrumento de reflexão e transformação da



sociedade.

Assim, nós três fomos alunos da EJA - eu, meu pai e meu irmão -. Meu pai não pôde concluir o seu curso técnico em edificações, porém era um hábil construtor e chegou à posição de mestre de obras. Meu irmão também galgou a profissão de pedreiro, depois técnico em edificações e recentemente concluiu a formação em engenharia civil, que tive a honra de colaborar em seu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, pois esse meu irmão considerava que o foco do seu curso em cálculos, deixava a desejar no ensino da escrita acadêmica.

Eu ponderava, retrucando, que minha destreza era muito tímida nesse quesito, mas ele afirmava que minha formação em ciências humanas me apropriou na escrita melhor que ele no campo das exatas o que foi gratificante, pois, embora acreditasse que lograríamos êxito, com a morte recente do nosso pai, o sentimento de concluirmos nossas formações foi abastecido de força e ânsia de honrar a memória do nosso patriarca, que não poderia ter deixado legado maior, senão a mensagem inspiradora de que nunca desanimássemos.

Com as dificuldades impostas, meu pai partiu sem conseguir realizar um dos seus projetos, o de concluir o ensino superior. Portanto, a partir dessa situação, surge a percepção que palavras verdadeiramente ressignificam, se tornam algo que norteia e evidencia que é a educação que envolve o sujeito com o conhecimento e lhe concede protagonismo e isso é de valor incalculável.

Essas reflexões são estimuladas por aqueles que proclamam palavras que libertam, fato perceptível pois entre essa geração da nossa família, já são três engenheiros, e eu que já vislumbro ser professor, dependente de testemunhar o encanto, de apreciar o brilho no olhar de quem aprende para se libertar, buscando ser multiplicador dessa ação, que molda o sujeito como alguém consciente da importância do seu papel social. Essa condição me encoraja a ser mais uma engrenagem nessa mecânica transformadora chamada educação.

Minha graduação, composta de um corpo docente sensível às humanidades do alunado, auxiliou-me em momentos desafiadores, como o enfrentamento da ansiedade patológica da minha filha primogênita, que, com o diálogo, e minha modesta argumentação, acompanhada com o apoio de colegas, amigos e professores. Estes me ajudaram a persistir na continuidade desse sonho e é um suporte basilar na minha formação, pois tenho percebido um enriquecimento humano que outrora desconhecia ou ignorava.

Nesse sentido, é prazeroso e gratificante saber que somos uma geração de filhos que vai deixar para as próximas uma mensagem, uma mensagem construída pelo elo da educação, essa que não pode ser quebrada, pois, a continuidade é necessária e essa consciência vai além de qualquer valor monetário, excedendo qualquer compreensão de herança ou patrimônio. Logo, percebo que deixarei para as minhas filhas algo grande, que não foi fácil se apropriar, mas foi com renúncia ao meu conformismo que as conquistas feitas até aqui, e as reflexões construídas e desconstruídas me afirmam que “o porquê não é sobre adquirir, mas saber dividir, seja um bem material ou imaterial”.

Considerações finais



Primeiramente, destaca-se que o objetivo da pesquisa - descrever de que forma a educação me influenciou e atravessou na escolha por tornar-me professor -, foi alcançado, considerando que por meio da descrição na narrativa autobiográfica, consegui expor como meus sentidos foram se transformando, por meio das práticas de educando, para um potencial educador. Ou seja, por meio da pesquisa, foi possível analisar retrospectivamente como o processo da formação do sujeito se interliga ao contexto que o mesmo está inserido, levando em conta a educação formal e não formal, além de compreender que a infância pode imprimir afetividade no percurso formativo da criança, possibilitando ao longo da experiência escolar, uma melhor apropriação do conhecimento, identificando quais momentos contribuíram nessa busca de tornar efetiva uma formação docente que transforme o outro, tal como eu fui transformado.

A pesquisa autobiográfica, como demonstrado neste trabalho, revela-se um instrumento poderoso para a compreensão de si mesmo e do contexto social em que se insere. Ao utilizar as próprias experiências como fonte de dados, não apenas narro minha trajetória, mas também realizo uma análise crítica das condições sociais e educacionais que moldaram minha vida. Essa abordagem humanizadora permite acessar dimensões que muitas vezes são negligenciadas em pesquisas quantitativas, ressaltando a complexidade das vivências individuais. É importante destacar que o método autobiográfico,

Trata-se, portanto, de uma abordagem que coloca o sujeito no centro da questão, ao passo que centraliza também o pesquisador que assume papel participante no cenário da pesquisa, por também ser um sujeito de experiências que se coloca na dimensão de compreender o outro pela sua própria condição formativa. (Silva 2020, p. 13)

Neste contexto, também deduz-se que a apreciação do autor ao cenário histórico, político e social, nas nuances dessa narrativa, integram a importância de uma docência atenta à formação crítica e política, pontuando que o foco não é a perspectiva político partidária, mas uma conscientização baseada na construção do sujeito atuante no seu contexto social, destacando que esse processo embrionário necessita de empenho na mediação do educador, possibilitando robustez na estrutura organizacional de movimentos sociais, consciente dos direitos adquiridos, originados de tais mobilizações.

A subjetividade é um elemento central na pesquisa autobiográfica. Reconheço que minhas emoções e experiências pessoais influenciaram a interpretação dos dados, o que exige um compromisso constante com a reflexividade. Essa consciência crítica foi importante para garantir uma análise mais equilibrada e justa das narrativas, permitindo dialogar com minhas próprias vivências.

O trabalho apresenta um conjunto de contribuições significativas para o campo da formação docente. Em particular, destaca-se a forma como promove a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, incentivando os futuros professores a questionarem suas próprias crenças e a buscarem evidências para embasarem suas decisões. Além disso, são valorizadas as experiências pessoais do pesquisador, utilizando-a como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos. Ao integrar contextos sociais e históricos, o trabalho contribui para a formação de professores mais conscientes e críticos, capazes de atuar em um mundo em constante transformação. Essas contribuições, em conjunto, têm o potencial de transformar a



prática docente, promovendo um ensino mais significativo e relevante para os estudantes.

As memórias narradas não apenas refletem minha trajetória pessoal, mas também evidenciam as desigualdades sociais persistentes no Brasil. A menção a eventos históricos e políticas públicas relevantes, como o Programa Nacional de Imunização (PNI), ilustra como mudanças sociais podem impactar diretamente a vida das pessoas. Foi possível enfatizar a importância de políticas públicas que garantam acesso à saúde e educação de qualidade, destacando o papel da mobilização social na luta por direitos.

A experiência educacional é apresentada como um marco fundamental na minha formação. A narrativa sobre minha alfabetização precoce e as influências positivas de educadores, ressaltam o papel fundamental da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Essa perspectiva reforça a ideia de que a educação vai além da mera transmissão de conhecimento; ela é um processo relacional que envolve amor, dedicação e compromisso.

Nesse sentido, este trabalho não apenas documenta uma trajetória pessoal, mas também convida à reflexão sobre as condições sociais que moldam nossas vidas. A pesquisa autobiográfica se revela como uma ferramenta valiosa para compreender as interseções entre história pessoal e contexto social, promovendo um diálogo necessário entre passado e presente na busca por um futuro mais justo e igualitário.

Por fim, destaca-se que o tipo de metodologia empregada nessa pesquisa, embora não seja tão comum no meio acadêmico, tem sua importância por possibilitar aos demais discentes e pesquisadores, um olhar sensível e humano para o outro, imergindo no contexto e sendo significado pelas experiências de outrem.

Referências

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos (217 [III] A)**. Paris, 1948.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 16. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017. 274 p. (Série Legislação; n. 260 papel).

BRASIL. **Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm. Acesso em: 17 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Imunizações: PNI 25 anos**.

BRASIL. Senado Federal. **Índice Nacional de Preços ao Consumidor, 2023**.

CABRAL, Carmem Lúcia de Oliveira; SOUSA, Maria Gorete da Silva. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. *Horizontes*, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.



CUNHA, Jorge Luiz da. **Dossiê - Aprendizagem Histórica: Pesquisa, Teoria e Prática**. *Educ. rev.*, v. 60, Apr./Jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.46025>. Acesso em: 29 out. 2024.

EREBEN, Michael. “**Biografia y autobiografia**”. El significado del método autobiográfico. Semestre sulla condizione adulta e processi formativi-4 Otome, 1996. Milano, Edizione Angelo Guerini e Associati, 1996.

FINGER, Mathias; NÓVOA, Antônio (Orgs). **O Método Biográfico e Formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

HAGE, Maria do Socorro Castro. **A formação de professores a partir de suas narrativas de história de vida: estudo de uma experiência em Belém do Pará**. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo, 2010. 188 p.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MEIRELES, Mariana Martins de; SOUZA, Elizeu Clementino. **Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação**. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 15, n. 39, 2018. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/4750/47966110>. Acesso em: 15 out. 2024.

PASSEGGI, Maria Conceição.; SOUZA, Elizeu Clementino. **O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional**. *Revista Investigación Cualitativa*, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. Disponível em: <https://ois.revistainvestigacioncualitativa.com>. Acesso em: 15 out. 2024.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELLOS, Vera Ramos de. **Infância (in)visível**. São Paulo: Junqueira e Marin Editores, 2007.

Saviani, Dermeval. "Educação e Política." In: *Pedagogia Histórico-Crítica: Contribuições e Desafios*. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Fabrício Oliveira da. **Tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa qualitativa**. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 15, p. 1-15, 2019. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.12960.006.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.